

Anfrísia Santiago - contribuição ao estudo da vida intelectual (*)

I — ORIGENS E TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Anfrísia Augusta Santiago foi, sem exagero, uma mulher excepcional. Numa época em que os adjetivos perdem muito de sua função, onde tudo é bom, é melhor, é super ou "excede", com absoluta propriedade o Prof. Pedro Calmon chamou-a "a ilustre Anfrísia", em um artigo a seu respeito, na passagem do seu falecimento (!).

Sua grandeza nasceu na humildade. Seu pai, Marciano Santiago, um cobrador do Club Caixeiral, antiga denominação do Club Comercial. Sua mãe, de profissão doméstica. Não veio, contudo, lá de baixo, e sim da planície, como ela, Anfrísia, costumava dizer. Nasceu na Rua dos Marchantes, distrito de Santo Antônio, entre a Cruz do Pascoal e a Igreja dos 15 Mistérios. Foi num dia 21 de setembro. O ano? era 1894. Completaria, portanto, se viva, 80 anos em 1974.

A sua vocação de educadora iria revelar-se desde cedo. E assim, no ano de 1910, com 16 anos, formava-se em professora primária

pela Escola Normal da Bahia. Seria o único título, no gênero, que obteria pela vida inteira. Uma vida repleta de trabalho e perseverança, sem vaidade e ostentação.

Após a formatura, Anfrísia Santiago exerceu imediatamente o magistério. Teve a sua primeira investidura em um estabelecimento particular: a escola primária do Educandário do Sagrado Coração de Jesus (Perdões), entre fevereiro e abril de 1911. Ainda nesse ano ganharia sua primeira nomeação oficial, como professora interina do arraial de Santo Estêvão, na então vila de São Francisco do Conde. Efetivada em 27 de maio de 1912, aí permaneceu até 1914. É conveniente lembrar que foi essa sua primeira e única mudança domiciliar ocorrida fora da cidade do Salvador, de onde iria ausentar-se tão raramente.

De volta a Salvador, deu continuidade a sua obra educacional. Professora da Escola Municipal do distrito da Vitória, de 1914 a 1915, foi nomeada adjunta desse estabelecimento, aliás, a primeira escola municipal do distrito, em 7 de outubro de 1914, com sede na antiga Rua do Rosário de João Pereira, hoje Avenida Sete de Setembro.

Mas Anfrísia voltaria a ensinar no bairro de Santo Antônio. É que, com a extinção do cargo de adjunto, em 1916, foram criadas, então, 60 cadeiras populares, nos subúrbios. Coube a Anfrísia Santiago, por designação do Presidente do Consultivo, Alfredo de Campos França, a Escola Popular da Cruz do Pascoal, depois primeira escola municipal do distrito de Santo Antônio. Isso entre 1916 e 1925.

As origens humildes de D. Anfrísia e a luta pela existência (que recrudesceria após a morte de seu pai, em 1917), iriam fazer que ela caminhasse da Cruz do Pascoal à Vitória, para dar aulas particulares, em casa, às filhas de Manuel Joaquim de Carvalho. Vem de longe, pois, a sua tenacidade e fortaleza. Um pensionato que manteve na rua Direita de Santo Antônio, para as alunas normalistas dos Perdões, iria também ser fonte de algum recurso para a provisão de sua subsistência e dos seus familiares.

Em 1926, chegou a ser professora de Língua Vernácula na Escola Normal da Bahia. Até 1927. Nesse ano, aconteceria um fato ao qual se ligou pelo resto de sua vida: a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que dirigiu até a sua morte, com zelo e carinho, dedicação e disciplina, do que, aliás, ela jamais abriria mão, em qualquer hipótese ou circunstância.

Desde cedo, também, iria manifestar-se sua prodigiosa vocação intelectual. Assim, em 1915, no Congresso Pedagógico, realizado em Salvador, dele participou, tendo apresentado e defendido teses pertinentes à Educação (2).

Em 1926, no Congresso das Vocações Sacerdotais, compareceu com o trabalho "A Influência Materna na Vocação do Sacerdote".

Em 1933, viajou até São Paulo para comparecer ao III Congresso de Educação — promovida pelo ABE (Associação Brasileira de Educação). No ano seguinte, envia a Fortaleza, sede do IV Congresso dessa mesma entidade, novo trabalho, onde, igualmente, apresentou e defendeu suas teses no campo pedagógico (3).

Em 1935, completava suas bodas de prata no magistério, ao diplomar sua primeira turma de professoras primárias (17 ao todo), pronunciando discurso.

Sua vida intelectual afirmava-se cada vez mais. Assim, de 1940 a 1948, participou da diretoria do Centro de Estudos Baianos. Ai, em 1944, desenvolveu em forma de conferências o tema "O Professor Lisboa e sua tragédia". Três anos depois, apresentava suas pesquisas a respeito de "Castro Alves e sua ascendência".

Já entre 1940 e 1953, foi assídua a sua presença no Instituto Geográfico e Histórico e no Instituto Genealógico (4).

Durante o governo Otávio Mangabeira, entre maio e setembro de 1947, ocupou o cargo de diretora do Departamento de Educação do Estado da Bahia, quando Secretário de Educação o insigne Prof. Anísio Teixeira.

Sua fama de educadora não se limitava mais à Bahia. Em 1950, por ocasião da Conferência Latino-Americana de Educadores, realizada em Montevideú, D. Anfrisia foi designada representante brasileira pelo então Presidente Eurico Dutra, por indicação do Prof. Pedro Calmon (ora Ministro da Educação), que já conhecia os seus méritos. Não compareceu por motivo de saúde.

Em 1953, como a exibir outra faceta de sua personalidade, fundou a Cruzada Social Auxílio Fraternal, que dirigiu até sua morte, assistindo à população pobre do bairro de Brotas. Fundou também a secção baiana de Federação dos Bandeirantes, da qual chegou a ser presidente. Seu desempenho lhe valeu a Estrela do Mérito das Bandeirantes do Brasil.

Nunca lhe faltaram honrarias, o que bem expressa o seu prestígio. Agraciada com a medalha de Anchieta, da Prefeitura do então Distrito Federal, no ano do seu jubileu — 1960 —, quando foi considerada Mestre do Ano pela Inspeção do Ensino Secundário de Salvador, recebendo dos meios culturais e educacionais da Bahia singulares homenagens.

Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo (onde estava inscrita, na classe "Eximius", desde 1957), comenda concedida pelo Presidente Artur da Costa e Silva, a 27 de setembro de 1968, em reconhecimento pelos seus méritos na Educação. O governo baiano outorgou-lhe a Medalha do Mérito Educacional da

Bahia, *post mortem*, na classe Medalha de Prata, por sua notável contribuição à Educação, em 10 de março de 1971.

O nome de Anfrísia Santiago consta em 3 edições do *Who's Who in Latin America*, da Stanford University, na Califórnia (Estados Unidos), comprovando seu inegável prestígio.

II — UM TOQUE ANGÉLICO EM SUA OBRA

“A Suprema Sabedoria consiste em procurar o reino dos céus pelo desprezo do mundo” (da *Imitação de Cristo*).

Anfrísia Augusta Santiago parece ter levado a sério o conselho de Tomás de Kempis e, de fato, mostrou proceder neste mundo como simples hóspede, peregrina e viandante, sem ocupar-se de suas exterioridades e sem vestir-se na vaidade. Exemplo de espírito de luta e abnegação. Por isso, desde sua escola na Cruz do Pascoal se firmou sua reputação exemplar, posto que suas alunas tiravam os primeiros lugares, nos exames finais, perante uma banca pública no Paço Municipal.

Tamanha era sua despreensão que jamais se incomodara em guardar seus discursos ou pesquisas. E quando seus familiares reclamavam esse descaso, D. Anfrísia, respondia, apontando para a sua cabeça: “Meu arquivo é aqui”. Era mais a preocupação de saber que a de escrever, de discursar ou conferenciar, dentro do contexto de oralidade — talvez característica da vida intelectual baiana — que propriamente a de redigir. Mas suas pesquisas serviram a realização de trabalhos importantes. Basta citar Pedro Calmon, seu grande amigo, ao escrever *A Vida de Castro Alves*, da qual Anfrísia era grande conhecedora. Calmon, que tanto lhe enaltece o mérito, considera Anfrísia Santiago, na dedicatória que lhe faz, “colaboradora principal deste livro, em parte seu” (5).

Não conhecia apenas a vida de Castro Alves, mas também a de Rui Barbosa. Ocorreu, porém, que Anfrísia jamais se interessou em escrever sobre o assunto. Faria sucesso, sem dúvida, nesses programas de televisão, de perguntas e respostas sobre alguma figura de renome, pois seu arquivo era a cabeça. Arquivo de tudo, pois sua cultura era polimórfica — outra provável característica do intelectual baiano (o enciclopedismo). Conta-se que certo dia de aulas faltara o professor de Biologia. Vendo a classe sozinha, D. Anfrísia perguntou qual era o assunto do dia e passou a dar a aula.

Se a oralidade, praticada ora no Instituto Geográfico e Histórico, ora no Instituto Genealógico ou no Centro de Estudos Baianos, e a sua cultura polimórfica assemelhavam Anfrísia ao mundo intelectual de sua época, provavelmente o gosto da pesquisa a distinguiu, sem dúvida, de grande parte deste mundo. Bisbilhotando

e escarafunchando aqui e ali (Convento do Desterro, Arquivo Público, Instituto Geográfico e Histórico), conheceu profundamente a história baiana e a vida de tantas famílias, sobre as quais conferenciava no Instituto Genealógico da Bahia. Pena que não tivesse sido uma escritora, que não divulgasse os seus trabalhos, que pesquisasse por mera satisfação íntima, sem comunicar seus resultados, a não ser oralmente.

Anfrísia Santiago não pertenceu a cliques ou igrejazinhas. Não teve seu grupo. De certo modo isolada, ou melhor, independente, de forma alguma se trancou em torre de marfim. Apenas a sua personalidade não se dava a esse tipo de relações. Vivendo para o trabalho — com desprendimento — deixou uma admirável contribuição à comunidade. Sua maior alegria era quando conhecia filhos e netos de ex-alunos, pois via sua faina educacional perpetuar-se através das gerações.

Segundo Josaphat Marinho, ela se manteve, no cargo de administração pública (diretora do Departamento de Educação), fiel a seu caráter, a sua vocação e a seu estilo de trabalho: “Independente, organizadora, dinâmica. A cordialidade não se convertia em concessões prejudiciais ao ensino ou a justiça das soluções adequadas. Assim, por vezes, contrariava interessados e políticos. Velhas práticas estranhas ao bom governo da educação geravam conflitos passageiros. Ninguém duvidava da sinceridade de suas decisões. Daí ter voltado, sem desprestígio de sua projeção, aos labores normais de seu colégio estremecido” (6).

Um incidente em sua vida de educadora viria mostrar sua firmeza de caráter, envolvendo a defesa do seu estabelecimento. Passou-se em 1938, quando ocorreu um desentendimento com o então Secretário de Educação, Isaías Alves de Almeida, que lhe fez injustiça no tocante ao funcionamento do seu colégio. Mas D. Anfrísia não titubeou. Fechou o curso normal e entregou as alunas a Isaías. Tal curso vinha funcionando desde 1932, quando obteve para ele a inspeção preliminar, e, no ano seguinte, a inspeção permanente. Dito curso ela só reabriria em 1956. Era, pois, uma mulher de firmes decisões. Mas antes, em 1951, já funcionava o 2.º ciclo, com os cursos clássico e científico.

III — O TIPO INTELECTUAL

A que tipo (ou tipos) intelectual pertenceu Anfrísia Santiago? Se aceitarmos as conclusões de A.L. Machado Neto (7), temos que abandonar as classificações de um Florian Znaniecki (8), ou as de Luis Washington Vita (9), ambas geralmente inadequadas à realidade intelectual brasileira, porque assentadas sobre o teórico-

pragmático, e não sobre o estético-literário, predominante no meio brasileiro. O próprio Machado Neto, ao dispor de nova classificação, preocupa-se com u'a mais significativa repercussão sociológica dos critérios a serem observados. Assim, enumera os seguintes: a) o ecológico; b) o comportamento social; c) o comportamento político; d) a sensibilidade social; e) a capacidade de agregação social; f) o êxito sócio-literário; g) o grau de especialização intelectual⁽¹⁰⁾.

Como aí situar Anfrísia Santiago?

Quanto ao critério ecológico, convém dizer o seguinte: Anfrísia praticamente não saiu da Bahia, embora o reconhecimento dos seus méritos transbordasse os limites do Estado. Mas ela foi, sem dúvida, uma intelectual de província, pois aqui exerceu as suas atividades.

Quanto ao seu comportamento social, cabe aqui anotar o depoimento de Pedro Calmon:

"Anfrísia Santiago... não deu a exata medida do seu valor.

"Tinha a humildade incorrigível dos apóstolos. Era de um retraimento encantador.

"Como lhe sobrava religião, nessa modéstia havia qualquer coisa de monástico. Noutros tempos seria clariça do seu amado convento do Desterro. No século trepidante, cujo desafio corajosamente aceitou — limitou-se a ensinar"⁽¹¹⁾.

Josaphat Marinho também depõe sobre seu comportamento: "No trato pessoal era o regime de igualdade. Não havia outra hierarquia que a da correção dos pais e a do bom aproveitamento dos discípulos. Daí o respeito geral tributado à diretora austera e cortês"⁽¹²⁾.

Por outro lado, Anfrísia Santiago pode enquadrar-se perfeitamente como a-política. Cuidando da educação, ou fazendo suas pesquisas, não pareceu preocupar-se com o curso dos acontecimentos políticos. É verdade que chegou a ocupar um cargo público, no tempo de Otávio Mangabeira, quando Secretário da Educação um grande amigo seu, o Prof. Anísio Teixeira. Durante seu curto período de mando, portou-se com grandeza e dignidade, jamais conhecendo o expediente das concessões. Esse mesmo espírito, ela houvera demonstrado antes, bastando recordar sua briga com Isaias Alves.

Quase monástica, poderia ter sido noutros tempos, conforme opinião de Pedro Calmon, clariça do Desterro. Anfrísia não foi uma gremialista. Não teve seu grupo intelectual. O seu temperamento a levaria, pois, a ter poucos amigos. Mas não é verdade que tivesse fugido ao mundo. Sua obra educacional seria mais que bastante para refrutar semelhante assertiva. Além do mais, Anfrísia

Santiago era uma preocupada com os problemas da comunidade, como o prova sua atuação a frente da Cruzada Social Auxílio Fraternal, da data da fundação dessa entidade até a sua morte. Seu carinho com a juventude feminina fê-la criar a secção baiana de Federação de Bandeirantes.

Entre seus amigos, estão Pedro Calmon e Anísio Teixeira. Uma amizade interrompida: a de Amélia Rodrigues, que o tempo não cuidou em cimentar. Assim, Anfrísia se refere à baiana de Oliveira dos Campinhos:

“Só nos encontramos em 1925, um ano antes de sua morte. Ela tinha regressado do Rio de Janeiro e pretendia dar um curso de literatura, para moças, normalistas e acadêmicas. Teve entretanto dificuldade em encontrar local para ministrar as aulas e eu, sabendo disso, fui à sua procura e ofereci minha residência, na Cruz do Pascoal. Amélia achou o ponto longe do centro, pensando nas dificuldades que encontrariam as alunas para chegarem até lá. Lembrei-me de mandar procurar o Prof. Alfredo Magalhães, naquela época diretor do Instituto Normal que funcionava no prédio onde hoje é a Faculdade de Filosofia” (13).

É verdade que o prédio foi cedido, mas o curso não chegou a realizar-se. Amélia Rodrigues adoeceu e morreu no ano seguinte. Continua Anfrísia: “Meu contacto com ela foi portanto de mestra para mestra. Acho que a principal característica de seu caráter foi sua qualidade de escritora católica, de propagadora fervorosa do Catolicismo. Ela sempre foi mais missionária que mestra. Além disso, era boa, desprezada e generosa como ninguém”. Terminou dizendo: “Considero Amélia Rodrigues a maior personalidade feminina da Bahia, em todos os tempos. Sua poesia *“O Sacrifício de Abraão é maior produção poética no Brasil”* (14). De tudo isso uma indagação: não veio a morte de Amélia, inesperada naquele momento, tolher a constituição de um grupo literário feminino na Bahia?

Quanto ao êxito social, Anfrísia Santiago aparece com distinção. Se não era conhecida do grande público, cousa hoje bem mais fácil para um jogador de futebol, um comentarista esportivo, ou animador de televisão, D. Anfrísia teve o reconhecimento do seu mundo, que era, principalmente, o mundo da Educação. Repercussões singulares tiveram — a despeito das maneiras diversas — suas bodas de ouro como professora e, dez anos depois, seu falecimento. Que o digam os jornais das duas épocas, transcrevendo as emoções e as homenagens no correr daqueles dois eventos.

Na passagem do Dia do Professor, em 15 de outubro de 1960 — ano do jubileu de Anfrísia Santiago —, o Colégio Estadual da Bahia abriu-lhe as portas para homenagens especiais. D. Anfrísia

fora escolhida Mestra do Ano. À sessão solene, compareceram muitas pessoas, entre as chamadas importantes. Discursaram entre outros, Wilson Lins — então Secretário da Educação, além de membro da Academia de Letras da Bahia — e Antônio Assis Menezes, inspetor federal, ambos enaltecendo as virtudes da educadora. Outras presenças ilustres: Padre Manuel Aquino Barbosa (então inspetor seccional), Edite Mendes Gama Abreu (também da Academia de Letras da Bahia), Ângelo Almeida, representante do ensino particular ⁽¹⁵⁾.

De 21 de setembro, data do seu natalício, a 1 de dezembro de 1960, tudo são homenagens à reconhecida mestra. O Rotary Club reúne-se para exaltar a figura de Anfrisia Santiago. Hermenegildo Campos e Josaphat Marinho discursam em sua honra ⁽¹⁶⁾.

Dentro daquele período os jornais publicaram vários artigos enaltecendo de Anfrisia Santiago, como os de Mário Piva, Marieta Alves, Regina Espinheira, Maria Lúcia Ferreira Ramos, Joana Angélica Vieira Ribeiro, Júlia Azevedo Acioli, Josefina Marques dos Reis Baleeiro ⁽¹⁷⁾.

Na data exata do seu jubileu, 3 de dezembro de 1960, houve várias manifestações de apreço, encerrando-se as homenagens no Forum Ruy Barbosa, com a locução do Prof. José Calasans Brandão da Silva ⁽¹⁸⁾.

Dez anos depois, invertem-se as situações, na dialética da vida. Os jornais, como que tomados do brutal contradições, passam a enunciar, com pesar, o passamento de tão insigne educadora. Ocorreu seu falecimento a 27 de abril de 1970, no colégio que fundou e dirigiu até seu último momento de vida. Por decisão do Governo do Estado, não houve aula nesse dia, além de haver sido decretado luto oficial por 3 dias ⁽¹⁹⁾.

O reconhecimento e a gratidão da Bahia estavam presentes a seu sepultamento, tão concorrido. Governador do Estado, Prefeito de Salvador, Secretários Estaduais, Parlamentares, membros da Academia de Letras da Bahia e dos Conselhos de Educação e Cultura, além de diretores de colégios, professores e seus ex-alunos.

Para que mais provas do seu prestígio? ou do seu êxito social na terra baiana, de onde ela, em sua longa vida, praticamente nunca se afastou? Mas existem outras demonstrações de admiração e estima, a exemplo das manifestações do Conselho Federal de Educação, do Conselho Estadual de Educação, do Conselho Estadual de Cultura, da Escola Politécnica, do Instituto Geográfico e Histórico, da Câmara Municipal de Salvador, entre outras ⁽²⁰⁾.

Na Câmara Federal, o deputado Vasco Filho, no dia imediato a sua morte, exalta sua singular contribuição à causa da Educação na Bahia ⁽²¹⁾.

A especialização é, a um só tempo, exigência e produto do desenvolvimento. É assim que se pode explicar, sociologicamente, o grau de atividade especializada de qualquer trabalhador, mesmo do trabalhador intelectual. Assim, a história da vida intelectual brasileira é pobre na enumeração dos monógrafos.

Anfrísia Santiago pouco deixou escrito e, "pobre de espírito", como na lição do Evangelho, não teve a iniciativa de guardar e reunir suas produções, que certamente não seriam de monógrafo, mas de vigoroso polígrafo, porque os temas educacionais, as histórias genealógicas, as biografias, as prosas estariam aí representadas.

Propositadamente, ficou para o fim a classificação de Anfrísia no que respeita à sensibilidade social, isto é, a sintonia com seu tempo, com o processo social de mudanças. Eram seus métodos ultrapassados? Era sua escola superada? Era ela própria uma vetusta, uma arcaica? Certa vez, em reunião com várias pessoas que discutiam sobre o melhor, o mais atualizado método de ensino, ela pontificou: "O melhor método é amar as crianças e os jovens" (22).

Classista a sua escola? sede de ensino tradicional para mocinhas ricas? É verdade que muitas moças ricas aí estudaram, mas ao lado das pobres que Anfrísia Santiago, com bolsas, mantivera, ela própria que andara a pé, após o falecimento do seu pai, da Cruz do do Pascoal à casa de Manuel Joaquim de Carvalho, na Vitória para dar aulas e prover seu sustento e de seus familiares. Era de fato uma aristocrata, mas não de origem, e sim de caráter e de ideal.

É verdade que, em termos de ideologias, parece que Anfrísia Santiago não andou na moda. Poderia, por exemplo, ter sido integralista, quando essa doutrina fascinava a inteligência brasileira na década de 30. E entre tantos "ismos" que elegeeria, se quisesse, preferiu continuar fiel a seu espírito católico, cuja fé honrou pela vida inteira.

Infensa às honrarias (e paradoxalmente foram várias as recebidas), Anfrísia deveria rir das medalhas e comendas ganhas. Há pouco tempo, uma sua irmã veio encontrar uma dessas medalhas, displicentemente guardada, num gesto de quem aprendeu outra lição da *Imitação de Cristo*: "Verdadeiramente grande é quem, fazendo-se pequeno, tem por nada as maiores honras".

De fato, Anfrísia Santiago foi um resumo de trabalho e modéstia. Bem que poderia ter legado, como preciosa herança, a coleção de suas conferências e pesquisas, de seus artigos e opiniões no setor educacional, em que poderia ter sido uma tratadista, mas preferiu guardar a lição do livro do *Eclesiastes*, para o que, fora do amor a Deus, "tudo é vaidade e aflição de espírito".

WALNEY MORAES SARMENTO

(*) — O trabalho que se segue é uma contribuição espontânea do A. ao Curso de Mestrado em Ciências Humanas da UFBa, na disciplina Sociologia da Vida Intelectual Nordestina, ministrada pelo Prof. Antônio Luís Machado Neto durante o primeiro semestre de 1971.

O A. agradece, pela gentileza com que o cercaram no decorrer das informações prestadas, a d. Rita Carmelita Santiago, irmã de Anfrísia Santiago, a d. Aurora Azevedo Pitangueira, amiga da intelectual ora em estudo, e a d. Joana Angélica Vieira Ribeiro, pelo empréstimo do seu álbum em que coleciona inúmeros recortes a respeito da grande educadora baiana. — W.M.S.

1 Calmon, Pedro. A ilustre Anfrísia. *A Tarde*. Salvador, 27 maio, 1970.

2 Infelizmente Anfrísia Santiago não guardou os escritos de sua participação nesse congresso. Vem de longe, portanto, o desinteresse pela publicação dos seus trabalhos, dentro de uma humildade da qual não se arredaria por toda a sua existência. Sabe-se, porém, que o título da tese apresentada foi "A Educação Física na Escola Primária".

3 No Congresso de São Paulo, Anfrísia Santiago apresentou nova contribuição, sob o título "As Escolas Normais Livres". Já em Fortaleza discorria sobre "Como Pode a Diretora da Escola Orientar Suas Professoras".

4 Tamhém nesses Institutos, em 1947, D. Anfrísia apresentou o resultado de suas pesquisas sobre a ascendência de Castro Alves.

5 Pedro Calmon registra, na obra em questão, significativo depoimento referente aos méritos da pesquisadora Anfrísia Santiago. A dedicatória aludida pertence ao exemplar que Calmon presenteia a Anfrísia. Mas logo na página um (1) do seu livro, na 3.^a edição, de 1961, revista e aumentada, Livraria José Olympio Editora, há menção a Anfrísia Santiago, conforme se vê: "... nasceu (José Antônio da Silva Castro) em um lugar obscuro denominado o Currallinho, distante da Vila de Cachocira 12 léguas...". Os pais João Antunes da Silva Castro e Ana da Silva Castro. Da freguesia do Desterro do Outeiro é Ana Constanta, irmã de José Antônio, cf. certidão de casamento, 1817, ms., por Anfrísia Santiago. Nesta se diz: "José Antônio da Silva Castro, solteiro, da freguesia de S. Pedro de Muritiba..."

6 Marinho, Josaphat. Anfrísia Santiago. *Jornal da Bahia*. Salvador, 17 maio, 1970.

7 Machado Neto, A. L. "Estrutura social da república das letras; sociologia da vida intelectual brasileira". Salvador, 1970, mimeo. p. 33. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa, para concurso de Professor Titular de Sociologia).

8 Florian Znaniecki apresenta a dicotomia técnicos e sábios, numa perspectiva teórico-pragmática, portanto. Vide *Papel social del intelectual*. México, F. de Cult. Econom., 1944. p. 33.

9 Já para Luis Washington Vita os intelectuais estão divididos em 3 categorias:

a) endopáticos — capazes de desenvolver uma concepção estética da vida e de viver os pensamentos e sentimentos dos outros.

b) céticos — cultivadores sistemáticos da dúvida, irônicos e sarcásticos.

c) aléteios — constantes perseguidores da verdade, a denunciar hipocrisias e o enganar-se a si próprios. Apud Machado Neto, op. cit., p. 31.

10 A reformulação da tipologia intelectual prendeu-se, portanto, a uma tentativa de ajustá-la à realidade brasileira, com largo predomínio do estético-literário.

11 Calmon, op. cit.

12 Marinho, op. cit.

13 Texto extraído de uma pequena biografia de Amélia Rodrigues, dati-

ligrafada pelo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cuja biblioteca, por sinal, leva o nome dessa escritora.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Vide *Jornal da Bahia*. Salvador, 16-17 out., 1960. Nessa data, o autor do presente trabalho era estudante do Colégio da Bahia e Secretário de Cultura do seu grêmio.

¹⁶ *Jornal da Bahia*. Salvador, 11 dez. 1960.

¹⁷ Piva, Mário. A mestra Anfrísia. *A Tarde*. Salvador, 18 ago. 1960. — Alves, Marieta. Quando o louvor se impõe como um dever. *Ibid.*, 28 nov. 1960. — Espinheira, Regina. Anfrísia Santiago. *Ibid.*, 3 dez. 1960. — Ramos, Maria Lúcia Ferreira. Uma carta à Mestra Anfrísia. *Jornal da Bahia*. Salvador, 4 dez. 1960, estavam entre aqueles que deram testemunho do reconhecimento da Bahia a sua educadora.

¹⁸ Apud *A tarde*. Salvador, 2 dez. 1960.

¹⁹ Por causa desse sentido acontecimento os intelectuais baianos voltaram a comentar a figura de Anfrísia Santiago, como Costa, Adroaldo Ribeiro. Anfrísia Santiago. *A Tarde*. Salvador, 29 abr. 1970. — Amaral, Ivette. Dona Anfrísia. *A Semana*. Salvador, 3-4 maio, 1970. — Souza, Remy de. D. Anfrísia. *A Tarde*. Salvador, 4 de maio, 1970. — Machado, Germano. Mulher e Mulher. *Diário de Notícias*. Salvador, 29 abr. 1970. — Zózimo, Alvaro. Caminhando pela história. *A Tarde*. Salvador, 9 maio, 1970.

²⁰ Do Conselho Federal de Educação, recebeu o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora o seguinte comunicado, assinado pelo seu presidente: "Cumpro o dever de manifestar a Vv.Ss. o profundo pesar do Conselho Federal de Educação, por motivo do falecimento da Professora Anfrísia Santiago ex-Diretora dessa Casa.

Sobre os méritos da Professora Anfrísia Santiago falou, na sessão de 4 de maio do corrente, deste Conselho, o Conselheiro Péricles Madureira de Pinho, ressaltando a contribuição que ela prestou à Educação brasileira".

De fato, *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 6 de maio de 1970 (1.º caderno, pág. 10), registra esse episódio, acrescentando: "A notável mestra, que por mais de 40 anos dedicou-se à formação da juventude da Bahia, teve seu nome projetado além das fronteiras de sua terra, logrando ser inscrita na Ordem do Mérito Educativo, por proposição do então Ministro da Educação, prof. Clóvis Salgado". Uma cousa a corrigir, aquele "mais de 40 anos" realmente corresponde a quase 60.

Por sua vez, através de sua secretaria, o Conselho Estadual de Educação endereçou a D. Rita Santiago, irmã de Anfrísia, o seguinte ofício, de 11.05.70: "Por determinação do sr. Presidente do Conselho Estadual de Educação, cumpro o doloroso dever de comunicar a V. Sa. que o Conselho Pleno em reunião de 27.04.70 aprovou e fez inserir em ata voto de pesar pelo infausto passamento da emérita educadora, Prof.^a Anfrísia Santiago.

Na oportunidade os Conselheiros presentes exaltaram as qualidades pessoais e profissionais da ilustre extinta."

Do Conselho Estadual de Cultura, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora recebeu o seguinte comunicado, datado de 28 de abril de 1970, e com assinatura do seu Presidente, Prof. Nelson Sampaio: "Tenho a honra de comunicar que este Conselho, em Sessão Plenária hoje realizada, por proposição do Conselheiro José Calasans, inseriu em ata um voto de profundo pesar pelo passamento da eminente educadora e Diretora desse Estabelecimento, D. Anfrísia Santiago.

Na oportunidade reitero meus votos de pesar, apresentando cordiais saudações."

Fica, pois, mais que demonstrado o singular apreço de que era alvo a Professora Anfrísia Augusta Santiago e quão foi sentido o seu passamento, cuja repercussão transbordou as fronteiras da Bahia.

21 Discurso registrado no *Diário do Congresso Nacional*. Brasília, 28 abr., 1970. p. 819-820.

22 Revelação de sua irmã, D. Rita Carmelita Santiago, quando do levantamento dos dados para a realização desse trabalho, em que, juntamente com D. Aurora Azevedo Pitangueira, foi de uma gentileza incomum.

Ainda a respeito da imagem de vetusta e arcaica, muitas vezes atribuídas a Anfrísia, convém notar o depoimento de Adroaldo Ribeiro Costa (*A Tarde*, de 29.4.70) narrando um episódio em que foi procurar D. Anfrísia, por ordem de Anísio Teixeira (em 1947), para tratar da encenação de Narizinho: "Confesso que senti um pouco de receio. Pensei comigo que, mais uma vez, a tentativa de encenação de Narizinho seria frustrada. É que se tratava de algo pioneiro, a movimentação de mais de uma centena de crianças em um espetáculo infantil. E a imagem que me haviam criado de D. Anfrísia, era a de uma mulher enquadrada em rígidos princípios, impermeável a tudo quanto fosse inovação. Mas tinha que enfrentar o obstáculo e fui ao gabinete.

D. Anfrísia assim que eu disse ao que ia, tomou a palavra. E falou mais ou menos assim:

— Saiba o senhor que ouço a "Hora da Criança" todos os domingos, desde que ela foi inaugurada. Logo que o senhor começou a levar ao ar o programa, pensei comigo:

— Qual será a verdadeira intenção dele?"

Responde D. Anfrísia, de acordo com o próprio A. Ribeiro Costa:

"Então, eu o acompanhei atentamente, para surpreender-lhe a intenção oculta. E cheguei à conclusão, nesta altura dos acontecimentos, de que o que senhor, em verdade quer, é o que diz querer. O senhor é autêntico e o seu movimento igualmente o é.

D. Anfrísia concluiu dizendo, já com base nas suas pesquisas genealógicas:

"Não me foi, aliás, muito surpreendente essa verificação. Porque logo procurei investigar a sua ascendência, e sei muito sobre sua família, principalmente a materna cujos membros eu muito conheci."

E é assim que A. Ribeiro Costa continua seu artigo: "Não há exagero em dizer-se que a Prof.^a Anfrísia Santiago exerceu poderosa influência nos lares de onde provinham suas alunas e, conseqüentemente, nos lares que elas iam formando.

"Mas ia além. Tudo o que dizia respeito à criança e ao jovem, ela entendia que lhe dizia respeito diretamente. E assim é que, como me confessou, acompanhava, com o máximo interesse, todos os movimentos educativos que surgiam entre nós.

"... Era dessas mulheres que merecem as honras de Galeria Nobre, onde estão as figuras de Francisca de Sande, de Ana Neri, de Joana Angélica.

Porque se não serviu em guerras ou epidemias, se não fez sacrifícios cruentosos, toda a vida se dedicou à causa sagrada e árdua de formar a geração do futuro."